

A VIDA CULTURAL EM BEJA NA 2ª METADE DO SÉCULO XIX: DO TEATRO PROVISÓRIO AO TEATRO PAX – JÚLIA

Maria Joaquina Pinto Nunes
Escola Superior de Educação de Beja

O teatro é um grande meio de civilização – mas não prospera onde a não há; não têm procura os seus produtos enquanto o gosto não forma os hábitos e com eles a necessidade.

Almeida Garrett (Prefácio do *Auto de Gil Vicente*, 1838)

Na 2ª metade do séc. XIX, a política cultural da Regeneração estendeu-se ao Teatro. Por todo o País verificou-se a difusão, em larga escala, da arte de fazer Teatro e intensificou-se o gosto por este tipo de espectáculo.

Foi Almeida Garrett que iniciou a era do Teatro Nacional, em Portugal. A ele se deve a criação de estruturas fundamentais na dinâmica da prática cultural. Com efeito, em 1836, Garrett foi encarregado por Passos Manuel de apresentar, “sem perda de tempo, um plano para a fundação e organização de um Teatro Nacional, o qual sendo uma escola de bom gosto, contribua para a civilização e para o aperfeiçoamento moral da Nação Portuguesa”.¹ No mesmo ano, foi criada a Inspeção Geral dos Teatros e Espectáculos, de que Garrett foi Director, e o Conservatório Geral de Arte Dramática e promovia-se a construção de um Teatro Nacional - o de D. MARIA II - inaugurado em 1846. Desta época, é de referir a apresentação da sua obra prima, *Frei Luís de Sousa*.

Apontado por alguns como o “primeiro e o último dos verdadeiros românticos”, Garrett foi, historicamente, o criador do Romantismo Português. Um homem que renovou o teatro português e que criou o Teatro Nacional. Todavia, não se distinguiu apenas como “dramaturgo romântico”. Garrett é também responsável por um filão de dramaturgia historicista. De produção garrettiana são, também, as Comédias que traduzem “um agudíssimo senso irónico, crítico, acerado e fino que Garrett, ao longo de quarenta anos de mundanismo, apurou”². Dir-se-á que Garrett iniciou e esgotou o “romantismo teatral”.

O teatro pós-garrettiano assumiu duas perspectivas: a histórica e a da actualidade. O mais representativo dos autores do teatro histórico ultra-romântico foi Mendes Leal. Distinguiu-se como o grande teorizador do movimento e iniciador quer da corrente histórica quer da corrente social do nosso teatro ultra-romântico. O

drama histórico viria a produzir cansaço nas plateias e entrou em franco declínio. A partir de meados do séc. XIX, a tendência é já para o drama social, de intenções claramente humanitárias e sociais.

É, sem dúvida, a conjuntura político-económica da Regeneração que vai servir de pano de fundo aos dramaturgos deste período. O teatro acompanhou esse movimento, através de dramas e comédias que ridicularizavam os grupos sociais e colocavam os problemas da época. Digamos que o drama social tinha uma função didáctica e política, na medida em que procurava que o teatro funcionasse como um meio de ensino e operasse dessa forma, a par do Jornalismo, a dignificação da classe trabalhadora. Era, no fundo, a REGENERAÇÃO pela via cultural e pela via política, questão que levou alguns críticos a pôr em causa as relações entre o plano artístico e o plano político. De facto, muitos autores e críticos teatrais estavam próximos ou desempenhavam parte activa na esfera governamental. Mendes Leal, o nome mais destacado do drama social, foi deputado e ministro.

De ataque à ideologia romântica, surgem os chamados dramas da actualidade, a que Gomes de Amorim e Camilo Castelo Branco deram consistência.

Em 1869, Pinheiro Chagas criticou o convencionalismo ultra-romântico com a peça *Morgadinha de Valflor*, que marcaria o fim do chamado teatro romântico em Portugal. Expressa-se, já então, uma nova sensibilidade simultânea à transformação da sociedade portuguesa. Em 1875, António Enes, em *Os Lazaristas*, fez uma acentuada crítica aos costumes do seu tempo e viria a notabilizar-se com os seus dramas anti-clericais, surgidos no âmbito da propaganda republicana. No final do século, os dramas históricos de Lopes de Mendonça, *O Duque de Viseu*, em 1886, por exemplo, caracterizam-se por um rigor maior na pintura de costumes evocados, o que os aproxima do Naturalismo. D. João da Câmara apresentou-se como um renovador. A ele se deve a introdução em Portugal, do Realismo e do Simbolismo. Enfim, e como diria Joel Serrão, «o Teatro acompanha o movimento evolutivo da sociedade: é, ao mesmo tempo, o reflexo e o reflector».³

É, nesta linha orientadora que nos propoemos descobrir as reminiscências do Teatro e a importância que este tipo de espectáculo produziu na sociedade bejense de oitocentos. Consultando o Arquivo da Câmara Municipal de Beja, deparamos com um significativo conjunto de documentos referente à segunda metade do séc. XIX (1867-1871). Estes documentos contêm os programas das récitas realizadas em vários teatros provisórios, nomeadamente, o de S. Francisco (Convento de S. Francisco) e o da Moeda (na actual Rua da Moeda), entre outros. Constituem, assim, uma apreciável informação para o estudo das manifestações teatrais deste período, nesta cidade. Recorremos, também, ao jornal *O Bejense*, que nos forneceu, através dos seus numerosos artigos, dados mais concretos sobre esta matéria. É justamente

deste período o início da luta dos bejenses para a construção de um edifício para o teatro, um pouco à semelhança do que vinha a acontecer por todo o país. Durante muitos anos, Beja recorreu ao teatro provisório, a maior parte das vezes improvisado, para o exercício da actividade cénica. Assim, foram passando por esta cidade companhias nacionais e estrangeiras de grande prestígio que punham em cena as obras mais importantes dessa época.

A ânsia do mundo burguês pelo teatro, que Eça de Queirós retrata com ironia na sua obra, fomos encontrá-la no cidadão bejense sob a forma de lamentações, logo em 1860. As primeiras alusões à necessidade de se construir em Beja um edifício para o Teatro surgem no jornal *O Bejense* deste modo: «O teatro esse ornamento da civilização [...] não existe em Beja [...]»⁴

No entanto, pairava já na mente de alguns o projecto para a construção de um teatro. Caberia à Sociedade de Socorros Mútuos⁵ essa iniciativa, com o apoio de distintas personalidades da cidade, do Governador Civil e de toda a população. E, a propósito dos objectivos deste tipo de espectáculo, o jornal afirmava:

aos homens abastados um bom recreio, para passarem o tempo com prazer; aos que trabalham todo o dia um linitivo às suas fadigas; a todos uma recreação instrutiva, e d'aqui a pouco aos estranhos, que virão pela facilidade da via férrea, oferecerá o teatro o ponto de reunião mais próximo para que gozem da presença das damas e dos cavalheiros desta cidade.⁶

A não existência de um edifício para a realização do teatro era considerado uma lacuna, tendo em linha de conta que este contribuía para o desenvolvimento da civilização, conforme podemos ler no referido jornal: «o teatro é o mais recreativo dos passatempos, é também uma fonte de instrução e escola de moralidade, principalmente frequentada pelos ricos.»⁷ Na verdade, as notícias sobre este assunto abundam neste jornal que consultamos, com mais pormenor. Aparecem, sobretudo, na parte do “Noticiário” e, de quando em quando, sob a forma de “Artigo de Fundo”, o que confirma a luta dos bejenses pelo desenvolvimento da cidade: «O seu fim principal é promover a instrução e moralidade por meio do deleite, e só as nações que se podem considerar como civilizadas e cultas, é que os possuem [...]. Construa-se em Beja um, em harmonia com as forças da terra, porque as vantagens que dalli resultam são immensas, e uma das maiores, é d'ensinarem, e acostumarem todas as classes de indivíduos a apparecerem dignamente em público, (a ciência que muitos ignoram e que custa um pouco a aprender [...]). A falta de um teatro n'uma terra de província como esta, torna-se muito sensível.»⁸

Os primeiros esforços para a construção do edificio caberiam à Sociedade de Socorros Mútuos como já referimos, porém, seria muito lento o caminho a percorrer até à consecução do objectivo. Em 1866, há notícia de que foi possível a compra de um edificio e a subscrição de um capital para quase toda a obra. Uma nova esperança parecia animar então, os bejenses. Havia-se conseguido fazer uma reunião de “subscritores do theatro bejense“, tendo estes prometido tomar a responsabilidade de qualquer resolução, pois tratava-se de uma comissão composta de indivíduos activos e inteligentes capazes de levar a cabo qualquer resolução, conforme nos revela o jornal:

A discussão correu serena e sisuda, e facilmente se conquistou a unidade de opinião [...] em poucas horas se deu forma e luz a uma idéa tantos annos incubada no espírito de quasi todos. Foi nomeada, por escrutínio secreto, a direcção que devia substituir a que provisoriamente existia. Foi também nomeada uma comissão de obras. O Exmo. Sr. Fidié *, director das obras públicas n'este distrito... promptificou-se a ministrar todo o seu valimento na construção do theatro.⁹

E, a 25 de Agosto d 1866, iniciavam-se as obras do edificio do teatro.

Em *O Bejense*, como artigo de primeira página, pode ler-se:

Estão começadas as obras do Theatro. Quebrou-se o encanto; parece que o anjo mau, tenaz perseguidor do adiamento d'esta terra, deixou d'envenenar com os seus maleficios as pretensões justas e louváveis dos seus habitantes ...¹⁰

E, a propósito da estrutura do edificio, dizia-se, ainda no mesmo artigo:

O nosso Theatro há-de ser um bonito theatro; não será volumoso, nem garrido; não ostentará salas que deslumbrem, nem efeitês que offusquem; não será opulento nem magestoso, mas terá a beleza da modéstia, e a nobreza da despretenção.¹¹

Rejuvenesceu, enfim, o entusiasmo e a animação em todos os habitantes da cidade e multiplicou-se o número de sócios que ofereceram os seus serviços para a construção do edificio. Porém, a construção do edificio foi colidir com a penosa demolição do Hospício de Stº António,¹² no actual Largo de S. João, junto do Convento da Conceição. A sua destruição foi, sem dúvida, uma grande perda, no conjunto dos monumentos da cidade. Porém, na perspectiva cultural dessa época, este acontecimento não provocou qualquer censura, pelo contrário, foi entendido

como uma solução necessária pois em vez dele surgiria o “Belo Edifício do Theatro Bejense”. Prosseguiram, lentamente, os trabalhos da edificação do Teatro e a imprensa ia dando notícia das reuniões dos subscritores da Associação Construtora, cujo objectivo principal era o de angariar fundos que garantissem a continuação das obras. Muitas vezes acontecia que os próprios donativos das récitas, a venda dos pastos dos ferragias e o lucro dos bazares constituíam preciosos donativos que revertiam a favor do Teatro. Constatámos que, em 1880, decorridos vinte anos após o primeiro brado pelo Teatro de Beja, ainda as obras continuavam em ritmo lento, sempre dependentes da boa vontade dos habitantes da cidade, mormente daqueles que melhor poderiam participar, através dos seus recursos, nomeadamente os proprietários que frequentemente cediam os “pastos secos dos ferragias”.

Ocorre perguntar, porquê esta demora? Qual era a atitude do Governo em relação à construção de teatros por todo o País? Na verdade, do Orçamento de Estado pouco ou nada era destinado a subsidiar este tipo de espectáculos. Era bastante reduzido o apoio do Governo à arte dramática nacional, que parecia de penúria. Neste sentido, eram frequentes as críticas à exiguidade dos subsídios oficiais, destinados ao teatro nacional. Eça de Queirós, por exemplo, criticava essa política governamental e acusava o Governo de apenas subsidiar o S. Carlos, teatro exclusivo de um público limitado, que recebia 25 contos do Estado, quando para o teatro nacional nada destina. E, no entanto, este teatro não constituía, no dizer de Eça, um elemento de civilização, mas sim de decadência:

O Teatro de S. Carlos não dá participação a todo País da sua arte. Bem ao contrário é um Teatro exclusivo, de um público limitado, escolhido, sempre igual. O País paga para que este público goze.¹³

Esse público, a que Eça se refere, era constituído pela “corte” e pela diplomacia, ou seja, pelas personagens da aristocracia e da grande burguesia de oitocentos. Numa época em que frequentar o S. Carlos era um luxo, preservava e diferença social e era uma demonstração para a Europa. No entanto, o edifício, em si, como ainda refere Eça, não era belo nem elegante: “Tudo aquilo é pequeno, provinciano, plebeu e pelintra! [...] É um velho chique pelintra”.¹⁴ Ao atacar os privilégios do S. Carlos, o objectivo de Eça era chamar a atenção do governo para o teatro nacional, pois para além de Lisboa, havia no Porto o Teatro de S. João, e no resto do país praticamente não existia.

Afigura-se-nos serem estas também as razões da longa espera dos bejenses pelo seu Teatro. Com exíguos recursos, totalmente dependentes dos sócios e, de alguma forma do poder local, tornava-se pesada a construção do referido edifício. Assim é que, ainda no início do séc. XX, encontramos referências ao estado das obras, e, bem assim, aos contratos que a Sociedade Bejense fazia com várias firmas,

no sentido de se concluírem os trabalhos. Em 1926, a dita Sociedade entregava o Teatro à Firma Castelo Lopes Ld^a, através de um contrato, com o objectivo de esta se responsabilizar pela conclusão das obras quer no interior, quer no exterior do edifício.

Entretanto, fazia também parte da agenda de trabalhos da Assembleia Geral da Associação Teatral Bejense a escolha do nome do Teatro. Temos notícia de uma dessas reuniões em cuja agenda se incluía um ponto interessante para a história do edifício:

1º ponto - para ser escolhido o nome do teatro.

Foram então propostos pelos sócios presentes, vários nomes, nomeadamente:

Gil Vicente; Castilho; Garrett; D. João da Câmara e Teatro Bejense.

Do resultado da votação, que foi nominal, concluiu-se que a maioria de votos se verificou em relação ao último dos nomes propostos:

Após uma troca de impressões pelos respectivos votantes sobre este assunto, foi acordado que em lugar do nome primeiramente votado, o Teatro fosse chamado PÁX- JÚLIA.¹⁵

A inauguração do Teatro viria a ter lugar a 19 de Dezembro de 1928, pela artista de teatro portuguesa Ilda Stichini . Numa placa à entrada do edifício podia ler-se o seguinte:

TEATRO PAX - JÚLIA

Inaugurado em 19 de Dezembro de 1928

Pela Insigne Artista

ILDA STICHINI

Glória do Teatro Português

Constatámos que o edifício, destinado inicialmente apenas a espectáculos teatrais, foi remodelado posteriormente e adaptado às novas exigências socioculturais. Veio a ser reinaugurado em 2 de Janeiro de 1952. Uma outra placa fornece-nos a informação referente a esta segunda inauguração, já em meados do século vinte:

Inaugurado em 2 de Janeiro de 1952

Pela Companhia Amélia Rey Colaço Robles Monteiro

Do TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

A peça que subiu à cena foi *O amor precisa de escola*.¹⁶

No dia seguinte, iria ser posta em cena uma outra peça pela mesma Companhia: *Essa Mulher*, e ainda outra, mais sonante, *As árvores morrem de pé*.¹⁷ Era, já então, o CINE-TEATRO PAX-JÚLIA.

A partir de 1952, a exploração do Cine-Teatro foi dada à empresa cinematográfica Sacil de Lisboa - A Filmes Luso- Mundo. O último espectáculo (não cinematográfico) viria a ter lugar em 2/11/90, com o fadista Gonçalo da Câmara Pereira.

Presentemente, esse que, foi no séc. XIX, o edifício tão desejado para os habitantes de Beja, e que ao longo de quase um século contribuiu para a valorização cultural da cidade e do distrito, encontra-se em obras de restauro e de readaptação às novas exigências da sociedade actual aguardando, quem sabe, uma alternativa razoável para as gerações vindouras.

O público que ia ao teatro

O público vai ao teatro passar a noite. O teatro entre nós não é uma curiosidade do espírito, é um ócio da sociedade [...]. O teatro entre nós é a substituição barata do salão. Salão calado - e comprado no bilheteiro [...]. Sobretudo aos domingos. Então o mundo comercial e burguês que repousa e se diverte, enche a sala. Se se der Hamlet, vai, se se der Manuel Mendes Enxúndia, vai. Não é a beleza do espectáculo que o chama - é o tédio da casa que o repele.

Eça de Queirós, Uma Campanha Alegre

Da leitura dos vários artigos do jornal, encontrámos referência frequente aos “cavalheiros da cidade“, que pressupõe tratar-se dos homens endinheirados da burguesia citadina, bem como uma referência às “damas” que geralmente iam ao teatro: “As galerias achavam-se primorosamente adornadas de damas cuja beleza realçava pela singeleza do vestuário com que todas se apresentavam “. ¹⁸ O público era visto, normalmente, como um “público ilustrado“, protector dos artistas e hospitaleiro dos estranhos. Os bejenses são caracterizados de “bom cavalheirismo e homens de brio“ que afluíam com certa regularidade a este tipo de espectáculo. Recolhemos a este propósito:

Já há muito tempo que não víamos no nosso teatro tanta concorrência. Os camarotes estavam adornados com o bello sexo, e a platea apinhada de mancebos illustrados e ellegantes. ¹⁹

Em 1864, e aquando da actuação dos artistas Munnés, constatamos que o espectáculo foi bastante frequentado por um público que mostrava saber prestar homenagem ao talento dos artistas. O Jornal *O Bejense*, de 1864, faz referência a um poema que o público lhes dedicou. ²⁰

O jornal não só se mostrava como um órgão veiculador da informação, transmitindo os anúncios publicitários do teatro, como era, também, o meio privilegiado, para incitar a população à frequência desses espectáculos, que pareciam constituir uma forma de agradável convívio. Sobre a apresentação dada pelos oficiais inferiores do Regimento de Infantaria 17, o jornal apresenta-nos dados interessantes:

A salla achava-se litteralmente cheia, tanto de cavalheiros como de damas, as quais vestiam primorosa e ellegantemente, o que também concorreu pelo seu brilhantismo para passarmos uma noite de verdadeiro prazer. ²¹

No decurso desta década, e ao longo de toda a metade do séc. XIX, foram frequentes as sessões teatrais que tiveram lugar nesta cidade, o que prova a existência de uma vida teatral fervilhante, não obstante as carências do local onde se realizavam os espectáculos e a deficiente formação dos actores que às vezes eram amadores.

Todavia, foi interessante verificarmos que o público, retratado na imprensa bejense, nos aparece como sendo um público “ilustrado“, em oposição às opiniões dos escritores críticos desse período que consideravam o público, em geral, “inculto“. Referindo-se ao público de Lisboa, Eça de Queirós, por exemplo, apresentava-o como sendo “causa de decadência da arte dramática“. Pois, como referia, “ia-se ao teatro apenas para passar o tempo“. O teatro, visto por este autor, era apenas o ócio da sociedade:

Ia-se lá para namorar, para ver as atrizes bem vestidas, com modas novas, para as senhoras observarem e discutir sobre rendas e sedas, sobre jóias e toilettes. A moral do drama, da acção, dos sentimentos não se percebe ou não se exige.²²

Em Beja, pelas referências que temos do jornal O Bejense, aparece-nos um público crítico e atento ao que via e ouvia, deixando transparecer a ideia de que os “cavalheiros e as damas” que iam ao teatro sabiam apreciar as peças. Assim é que, perante um espectáculo que não agradou, o público reagiu de imediato e na noite seguinte não foi ao teatro:

Uma mulher com voz de falsete, desafinada com os sinos do Carmo [...] esganiçava-se [...] e soltava guinchos [...]. O resultado era cada um berra para seu lado. Isto enquanto à primeira noite do espectáculo, na segunda o público, como o triple lhe deu cabo do bichinho do ouvido, não voltou ao teatro. Apenas dois camarotes estavam ocupados e de platea estavam uns trinta lugares.²³

Dada a frequência dos espectáculos, quer ao longo do ano, quer durante a semana, chegavam a realizar-se às 4ª e 5ª feiras e aos domingos, e considerando os preços praticados pelas companhias, que variavam entre os 1.000/1.260 réis para “os camarotes da frente” e os 100/120 réis para as “galerias”, poderemos concluir que só determinado grupo social a eles teria acesso. Adiantamos que era a burguesia citadina, composta por alguns intelectuais - bacharéis e doutores -, os ricos proprietários e lavradores e, ainda, os homens de negócios - os comerciantes.

É obvio que, muito à semelhança do que se passava na grande cidade, este público iria ao teatro como forma de “lazer”. Ainda assim, salienta-se o espírito crítico que se manifestava no público bejense, sempre atento ao desempenho dos artistas e à qualidade do espectáculo para além de evidenciar uma atitude protectora em relação aos artistas. Aplaudiam-nos, com entusiasmo, quando o desempenho era bom, consciente de que, muitas vezes, esses artistas lutavam e venciam dificuldades quase inconcebíveis para tornarem agradáveis e variadas as suas representações: o drama, a comédia, ou a *soirée* musical. A propósito da actuação de actores italianos dizia-se no Jornal:

Bravo Bellochio, bravo Lauretti ,muito bem Filibert! Cantasteis primorosamente. Estivestes sublimes e por isso o público vos aplaudiu muito e muito e esses aplausos são mais um florão para a vossa corôa artística.²⁴

Companhias e Peças

Ao longo da década de sessenta do Séc. XIX, passaram pela cidade, diversas Companhias quer nacionais quer estrangeiras que integravam distintos actores. Estas Companhias funcionavam noutras capitais do Reino, nomeadamente em Coimbra, Porto, Braga e Évora. O tempo em que permaneciam na cidade era variável. Umas, aproveitavam a sua passagem por Beja e instalavam-se para dar apenas um ou dois espectáculos. Outras havia que dedicavam à cidade mais tempo, assinando contratos que incluíam a realização de muitas récitas. De entre as Companhias que visitaram a cidade é de referir, nos anos sessenta do Séc. XIX, “A Companhia Portuguesa Viúva Lopes”, “A Companhia Hespanhola Lyrica Dramática”, “A Companhia Hespanhola de Zarzuela”, entre outras.²⁵

A Sociedade Dramática Artística Bejense, constituída por artistas amadores da cidade, também chamada “Sociedade de Curiosos”, desempenhava um papel relevante na execução de muitas e variadas peças. Presidida pelo Sr. Tello, esta Companhia teve a seu cargo a execução de importantes peças cujo desempenho foi sempre considerado de muito louvor. O drama *Morgadinha de Valflor*, de Pinheiro Chagas, foi uma das peças em que tomaram parte os distintos “Curiosos”, com desempenho “magistral”. De entre as peças que foram postas em cena nos “teatros improvisados” desta cidade, destacamos os dramas, as comédias, as zarzuelas, e os concertos.²⁶

Pela frequência com que se realizavam e pela aderência do público, é possível adiantar que de todo este tipo de peças, fosse o drama social o mais representativo. Os dramas mais apreciados foram os de Mendes Leal: *Pedro, o homem de ouro* e *Os homens de mármore*. Mas também os dramas de Biester e de Garrett figuravam entre os preferidos.

Como já referimos, o drama social tinha um carácter realista e instrutivo. Para a composição destes trabalhos serviram factos da História portuguesa dessa época, e giravam à volta de questões fundamentais tais como “O fim do Antigo Regime”, “A Criação de uma nova Aristocracia do Dinheiro” e a “Organização dos Trabalhadores”. O lugar da acção era, normalmente, o meio urbano, e o herói situava-se, preponderantemente, na pequena burguesia intelectual e, já mais para o fim da década em análise, no operariado.

A par do drama social vinham as comédias que deliciavam, pela sua crítica social, o público de Beja. Mas também as zarzuelas animavam os espectáculos, muito bem desempenhadas por artistas espanhóis.²⁷ Pode ler-se a este propósito:

Teve lugar no Domingo, no teatro provisório desta cidade, a primeira “Soirée Musical” em que tomaram parte o Sr. Filibert e as Sr^{as} Blanca Belochio e E. Lauretti [...] As peças executadas foram, de uma maneira geral, bastante apreciadas e os actores considerados como “distintos cantores.”²⁸

Muitas referências encontrámos, também, quer nos programas das récitas quer na imprensa, em relação à actuação dos chamados “Irmãos Munnés”, actores de vários concertos lírico-dramáticos. A propósito do quarto concerto, destacamos: “Os aplausos foram calorosos, peças houve que tiveram as honras de bis [...] o entusiasmo chegou a delírio”²⁹

O produto das récitas tinha diversas aplicações. Podia destinar-se à Casa Pia da cidade, constituir fundos para a construção de um edifício para o Teatro, reverter em auxílio das próprias Companhias ou em benefício das actrizes.

Dado que se trata de uma matéria muito vasta, julgamos não ter esgotado aqui o estudo sobre as manifestações teatrais que tiveram lugar na cidade de Beja, no início da primeira metade do século XIX. Todavia, a recolha de dados que temos em nosso poder permite-nos concluir que, na verdade, uma gama variadíssima de peças de autores afamados subiram à cena no teatro provisório de Beja³⁰ e que, por esta cidade do interior, e com todas as carências que apresentava, passaram distintos actores nacionais, espanhóis e italianos.³¹ Participando nesses espectáculos, constatamos uma intensa afluência dos “illustres” habitantes de Beja. Essas representações proporcionavam, normalmente, noites de aprazível recreio numa cidade que era já palco de uma intensa vida cultural. A população bejense que parecia despertar ao som da locomotiva, chegada a Beja em 1864, ia sofrendo uma lenta mutação que se traduzia, necessariamente no interesse, pelas manifestações culturais, e o Teatro teve um papel decisivo enquanto instrumento de progresso cultural.

Notas

1. Portaria Régia de 28 de Setembro de 1836
2. Duarte Ivo da Cruz, *Introdução à História do Teatro Português*, pág. 117.
3. Joel Serrão, *Dicionário de História de Portugal*, Vol. VI, pág. 125
4. Jornal *O Bejense*, n.º18, 1860

5. A Sociedade de Socorros Mútuos dos Artistas Bejenses contava em 1860 com mais de quatro meses de duração; os associados contribuíam com a quantia de cinquenta réis semanais. O seu objectivo era minimizar as necessidades do “homem artista” perante a incapacidade para o trabalho ou em caso de velhice (Jornal *O Bejense*, n.º40, 1860).
6. Jornal *O Bejense*, n.º 18, 1860
7. Jornal *O Bejense*, n.º 22, 1860
8. Jornal *O Bejense*, n.º 274, 1866
9. Jornal *O Bejense*, n.º 295, 1862, *José Maria Garcia d’Almeida Fidié – Director das Obras Públicas.
10. Jornal *O Bejense*, n.º 296, 1866.
11. *Idem*, n.º296, 1866.
12. Jornal *O Bejense*, n.º 304, 1866.
13. Eça de Queirós, *Uma Campanha Alegre*, Vol. I, pág. 307
14. *Idem*, pág. 309.
15. Acta de uma sessão da Direcção da Sociedade Teatral Bejense (27-5-1917).
16. Assistiram à representação 1261 espectadores dos 1300 possíveis (com entradas pagas).
17. Estiveram presentes 1211 espectadores pagantes. Os preços dos bilhetes oscilavam, nessa época entre 7\$50 e 35\$00 (em Actas das sessões da Direcção da Sociedade Theatral Bejense).
18. *O Bejense*, n.º142, 1863
19. *O Bejense*, n.º150, 1863
20. *O Bejense*, n.º177, 1864
21. *Idem*, n.º228, 1865

22. Eça de Queirós, *Uma campanha Alegre*, Vol. I, pág. 301
23. *O Bejense*, n.º292, 1866
24. *Idem*, n.º306, 1866
25. Companhias e peças, (ver quadro anexo).
26. *Idem*.
27. 'Zarzuela: obra cénica espanhola composta de partes declamadas e partes cantadas; opereta.
28. Filibert – distinto cantor italiano –actuou no Real Teatro de S. João do Porto.
29. *O Bejense*, n.º175, 1864
30. Os espectáculos realizavam-se em vários locais da cidade: no Convento de S. Francisco; na sala da Escola Normal, no Largo do Salvador; na rua da Moeda e a na casa do Sousa Porto (António Inácio de Sousa Porto – tipógrafo).
31. Veja-se documentação em anexo: As Récitas do Teatro – 1860-1870.

BIBLIOGRAFIA

QUEIROZ, Eça de, *Uma Campanha Alegre de As Farsas*, Vols. I, II. Lello e Irmão – Editores, Porto 1979.

CRUZ, Duarte Ivo da, *Introdução à História do Teatro Português*, Guimarães Editores.

BERRINI, Beatriz, *Portugal de Eça de Queiroz, - temas portugueses* – Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

SANTOS, M.ª Lourdes Lima dos, *Para uma Sociologia da Cultura Portuguesa em Portugal, séc. XIX*, Editorial Presença, Inst. De Ciências Sociais, 1983.

REBELO, Luís Francisco, *O Teatro Romântico, 1838-1869*. Biblioteca Breve – Inst. de Cultura e Língua Portuguesa, 1980.

O Teatro naturalista e neo-romântico (1870/1910) Inst. de Cultura Portuguesa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 1978.

História do Teatro Português, Coleção Saber; Publicações Europa-América.

O Bejense – Jornal de Utilidade e Recreio – 1980/1897

Récitas no Teatro – Os Programas das Récitas. 2 vols., de 1868/1873, Typografia de Sousa Porto e Vaz, Beja.

Estatutos da Sociedade Teatral Bejense, Sociedade Anónima de Responsabilidade limitada, Tipografia Bejense, 15, Rua da Cadeia Velha, n.º 17 Beja, 1876.

Actas das Sessões da Direcção da Sociedade Theatral Bejense, Sociedade Anónima de Responsabilidade limitada, Beja.

RÉCITAS NO TEATRO

1860 – 1863

Companhias / Actores	Peças
Companhia Espanhola Dramática Lírica	Declamação/Canto Filarmónica Bejense
Companhia Dramática Viúva Lopes	<i>“Os homens de Mármore”</i> -drama em 5 actos- <i>“Uma Chávena de Chá”</i> -Comédia- <i>“A Probidade”</i> -drama em 2 actos- <i>“Um Marido que é vítima das modas”</i> -comédia-
Monteiro (actor) de Mendes Leal	<i>“O homem de Ouro”</i> -drama em 3 actos- <i>“As Alfaias da Rainha”</i> -comédia em 1 acto-
Em benefício da atriz – D. Rosa Angélica Damasceno Rosado	<i>“O Tio André que vem do Brasil”</i> -comédia - drama em 3 actos- <i>“Posso fallar à Srª Queiroz”?</i> -comédia – 1 acto-
Sociedade Dramática Artística Bejense	<i>“O Sabonete Imperial”</i> -comédia em 2 actos- <i>“Precisa-se d’um creado”</i> -comédia n’um acto-

Nota: Preços – Camarotes 720 réis;
Platea 160 réis;
Principia às 8.15 horas

1864 – 1866

Artistas Líricos Hespanhoes	<i>"Zarzuela El Diablo en ele poder"</i> <i>Duetto</i>
Artistas Italianos: Sr. Filibert / Sr ^a Blanca Belochio Enriehetta Lauretti	<i>Soirée Musical</i>
Companhia Hespanhola (Sr. Melo)	<i>"Jorge el armador o la dama de Saint-Tropez"</i> -drama em 7 actos-
Companhia Hespanhola	<i>"D. Juan Tenorio ó el Convidado de piedra"</i>
Companhia Hespanhola	<i>"El Terramoto de las Artistas"</i> -drama em 1 prólogo e 4 actos-
Companhia Hespanhola	<i>"A Pastora de los Alpes"</i> -drama em 5 actos-
Companhia Hespanhola	<i>"Non hay humo si fuego"</i> -comédia-
Companhia Hespanhola	<i>"Fr. Luís de Sousa"</i> -drama em 3 actos-
Companhia Hespanhola	<i>"A un covarde oótro mayor"</i> -comédia em 1 acto-
Companhia Hespanhola	<i>"Amor de padre"</i> -drama em 6 actos- <i>"Los sustos"</i> -comédia em 1 acto
Companhia Hespanhola	<i>"Heroe por fuerza"</i> -comédia em 3 actos- <i>"Por um retrato"</i> -comédia em 1 acto-